

## Setúbal e a Grande Guerra

Na passagem do 106.º aniversário da assinatura do armistício que marca oficialmente o fim da I Guerra Mundial, celebrado mundialmente a 11 de novembro, o Arquivo Municipal destaca as principais consequências deste conflito sentidas em Setúbal

Quanto à vida setubalense no período da Grande Guerra, que decorreu entre 1914 e 1918, o historiador Diogo Ferreira destaca a efervescência e o alvoroço sentidos no concelho e que se deviam sobretudo “à fratura político-ideológica nas estruturas do poder local concelhio”, tudo a decorrer num cenário de carestia, racionamentos e especulação de preços que atingiam gravemente a população. Esta era numa tendência generalizada nas nações que se viam jogadas a uma guerra mundial iniciada pela morte do arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do império Austro-húngaro, pelas mãos do nacionalista sérvio Gravilo Princip, a 28 de junho de 1914, e que levaria a sucessivas declarações de guerra por parte das grandes potências europeias.

O dia-a-dia de Setúbal no período da guerra viu-se marcado pelo estrondoso boom da indústria conserveira e piscatória. O facto de as conservas serem um dos principais meios para se alimentar as tropas envolvidas isto viria diretamente a potenciar o crescimento exponencial desta indústria em Setúbal, o que se manteve sempre num pico muito alto durante o conflito, vindo depois a baixar drasticamente esta procura assim que a guerra mundial terminou. É sobretudo durante este boom industrial que é erigida uma considerável parte do Bairro Salgado, que primava pela exclusividade e opulência das habitações construídas para a burguesia de então. Por outro lado, o período bélico marcou igualmente a decadência e o declínio de algumas atividades do campo com a quase extinção dos seculares laranjais de Setúbal e o acentuado decréscimo da exportação concelhia de vinhos para os países europeus. Setúbal, durante a Grande Guerra, sofreu ainda com uma gravíssima crise ao nível do abastecimento de produtos alimentícios e de primeira necessidade, marcada pela inaptitude e responsabilidade tanto do estado central como do governo local. Grassava a fome devido à quase total ausência do abastecimento de cereais, pão e farinhas, assistindo-se a uma escalada dos preços dos mantimentos. Produtos como batatas, pão ou arroz triplicaram de preço, fazendo com que a cidade entrasse em alvoroço político-partidário, com greves e tumultos sociais, tornando-se muito difícil às forças da ordem e segurança manter a paz.

Já na fase final da Grande Guerra acresceram ainda os efeitos mundiais da gripe espanhola, que ceifou milhões de vida em redor do planeta, vindo isto a ter efeitos devastadores no concelho sadino produzindo um pânico generalizado mediante o número de vítimas mortais, o que viria também a deixar muitas crianças órfãs.

No âmbito desta temática recordamos a exposição promovida pelo Arquivo Municipal de Setúbal, em parceria com o Instituto de História Contemporânea, para assinalar o Centésimo Aniversário do Armistício, sob o tema “Portugal e a Grande Guerra – Setúbal e os Impactos do Conflito”, que decorreu entre 11 de novembro de 2018 e 12 de janeiro de 2019, patente na Galeria Municipal do 11, sob a coordenação científica de Diogo Ferreira.

Nesta exposição temática, consultável online em [https://xarq.mun-setubal.pt/x-arqweb/images/destaques/exposicao\\_virtual\\_grande\\_guerra .pdf](https://xarq.mun-setubal.pt/x-arqweb/images/destaques/exposicao_virtual_grande_guerra .pdf), constam imagens

que retratam o dia-a-dia de Setúbal na altura da I Guerra Mundial, sendo acompanhada de documentos oficiais e conteúdos que explicam as consequências do conflito a nível político, económico e social no concelho sadino. Além disso, nas paredes da Galeria Municipal do 11 estiveram inscritos os nomes de todos os militares setubalenses, num total de 164, e azeitonenses, 46, incorporados no Corpo Expedicionário Português e que combateram na frente europeia. Num painel dedicado a curiosidades, é possível ainda ficar a conhecer mais sobre o único setubalense morto na batalha de La Lys, Francisco Pinto Vidigal, que postumamente foi medalhado e viria a ter um topónimo no concelho atribuído na reunião camarária de a 28 de abril de 1926, tal como demonstra se ilustra pelo documento com o código de referência PT/AMSTB/CMSTB/B-C/0001/ACTA 4. Também o destino do navio alemão Triton II apresado no rio Sado em março de 1916, e a história do soldado sadino que escrevia e declamava poemas nas trincheiras, Vicente José da Silva Penim, compõem episódios da participação dos militares setubalenses. Nesta exposição, que contou os apoios do Arquivo Histórico Militar, da Cruz Vermelha Portuguesa – Delegação de Setúbal, da Direção Geral do Livro, dos Arquivos e Bibliotecas, da Liga dos Combatentes – Núcleo de Setúbal e do Museu Militar de Lisboa, foi igualmente possível contemplar vários documentos da época tais como cadernetas militares, livros de registos e documentação pessoal, bem como armamento militar utilizado nesta guerra, designadamente metralhadoras, granadas e capacetes, a ilustrar alguns episódios deste conflito mundial.